

Revista  
Latino-americana de

# Geografia e Gênero

Volume 8, número 1 (2017)  
ISSN: 2177-2886

## Resenha

### As Prisões São Obsoletas? De Angela Y. Davis

*Las prisiones son obsoletas?*  
De Angela Y. Davis

*Are Prisons Obsolete?*  
By Angela Y. Davis

**Rodrigo Rossi**

Universidade Estadual de Ponta Grossa - Brasil  
mimdigo@gmail.com

Como citar:

ROSSI, Rodrigo. Resenha: DAVIS, Angela Y. Are prisons obsolete? Open Media. New York, 2013. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 8, n. 1, p. 435-437, 2017. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

O livro de Angela Y. Davis enseja uma importante e complexa questão ao mundo contemporâneo: Por que não pensarmos sobre o mundo para além do aprisionamento em massa? Para isso, descortina a realidade estadunidense baseada em políticas repressivas de segurança e no encarceramento massivo de pessoas oriundas de comunidades afro-americanas, de etnia latina e asiática. O desenvolvimento do raciocínio abolicionista da prisão é um importante fio condutor do livro que está estruturado em quatro capítulos.

Com uma leitura agradavelmente crítica, a autora introduz algumas possibilidades de resposta à questão que dá título ao livro logo no primeiro capítulo, complexificando o debate em torno das reformas do sistema prisional norte-americano, ao analisar a expansão das prisões durante as eras Reagan e Bush nas décadas de 1980-90, dando maior atenção ao sistema prisional da Califórnia. Enfatizando que a grande expansão do número de prisões, bem como da população carcerária (que se transformou na maior população presidiária do mundo) é casada com três processos: a difusão da prisão como elemento visual ideológico através da mídia hegemônica; a transformação de paisagens rurais em decadência em paisagens carcerárias; e a funcionalidade do sistema prisional no capitalismo global corporativo, através da elevação do conjunto de prédios das prisões ao posto de complexo industrial carcerário.

O segundo capítulo tem como nítido marcador reflexivo o pensamento pós-colonial, ao discutir a necessidade de se perspectivar a prisão a partir da inspiração abolicionista, relevando o processo histórico marcado pela escravidão, linchamento e segregação de comunidades afro-americanas. Ela descreve o constrangimento e percepção negativa, ligados ao Abolicionismo do início do século nos Estados Unidos, para justificar que a internalização da instituição da escravidão influencia numa baixa permeabilidade do discurso e posições políticas que compartilham da perspectiva abolicionista da prisão. Tal como o racismo se estabeleceu como elemento intersubjetivo, a prisão é representada no seio do imaginário social como algo concebido e inevitável e, portanto, como instituição difícil de se desconstruir. O ponto nodal do raciocínio empreendido por Angela Davis parece residir no estabelecimento de conexões entre as expressões históricas do racismo e o estado atual das instituições prisionais e se destaca pela contundência e objetividade militante.

O racismo é desautorizado a servir-nos como perspectiva de relação entre as pessoas no mundo. Deste modo, as prisões podem ser concebidas e interpretadas como instituições racistas e se estabelecem como depósitos desumanos de pessoas malfeitoras e indesejáveis. Tudo sob o crivo de construções sociais de raça e etnia enquanto elementos de segregação. O sistema prisional atual se institui como obsoleto.

O terceiro capítulo apresenta uma análise da história da prisão e da reforma da política punitiva, conforme a proposta foucaultiana de que a prisão nasce na Europa no século XVIII e nos Estados Unidos em XIX, com o intuito de reformar a política punitiva baseada em banimentos, trabalhos forçados (como a prostituição forçada a mulheres foras da lei), apropriação de bens e espetáculos de tortura e morte. Todavia, um argumento importante da autora se refere que a prisão surge como alternativa ligada ao contexto de ascensão da burguesia no século XVII e, portanto, não pode reivindicar um reinado absoluto no século XXI.

A autora nos brinda no quarto capítulo com uma análise plena da verve negra e feminista, explorando o modo pelo qual o gênero estrutura o sistema prisional a partir da análise histórica das prisões e perspectivas de reforma do sistema prisional norte-americanos. Além de considerar que a estrutura e o arranjo da prisão são moldados sem levar em conta as particularidades do gênero feminino, pois é pensada a partir do prisma masculino, o objetivo de recuperação social de condenadas se dá de acordo com os padrões hegemônicos de feminilidade. Neste sistema, as atividades das condenadas na prisão são voltadas ao trabalho doméstico, à culinária, sem muito considerar outras possibilidades de reintegração profissional. A autora finaliza o capítulo demonstrando que a permanência do fenômeno de abuso sexual em prisões femininas é um importante elemento na construção de uma crítica radical do sistema prisional. Pois tais práticas, cercadas de racismo, misoginia e pouco combatidas pelos agentes e políticas penitenciárias, contribuem para a perpetuação da violência contra as mulheres.

O quinto capítulo realiza uma importante reflexão sobre a prisão enquanto um complexo industrial que contempla os interesses de mercado e, assim, torna-se pouco eficaz a redução da criminalidade e muito lucrativo às corporações do capitalismo global. O capítulo esboça os efeitos da privatização dos espaços prisionais de modo a estabelecer um sistema complexo integrado à política neoliberal difundida pelo mundo.

Por último, ela aborda algumas das perspectivas abolicionistas que tocam nas principais feridas deixadas pelas políticas repressivas de segurança interna e de prevenção à violência nos espaços de vida de populações marginalizadas.

O livro de Angela Davis explora a problemática da internalização das prisões como um aparato concebido para estancar problemas reais, mas obscurecendo-os e, além disso, exacerbando-os, pois se evidenciam como ineficazes e desumanos. Indaga sobre a maneira pela qual a percepção do senso comum reflete a inevitabilidade da vida sem as prisões, quando as alternativas de qualidade de vida e direito a cidade permanecem solapadas às comunidades negras, latinas, orientais e de nativos indígenas que habitam as periferias pobres estadunidenses. *Are prisons obsolete?* é importante leitura ao conjunto de investigadores crítico/as da geografia social, feministas e demais ciências sociais que pesquisam sobre espaço e instituições como o cárcere. Pois, estende a perspectiva teórica sobre prisão e sua intensa difusão espacial das últimas décadas, para longe da necessidade de tratar duramente o crime e seus agentes. Indicando que há inúmeras demandas à complexificação da análise espacial e social de populações que respondem na contemporaneidade pelo passado colonial e pelo presente pós-colonial, pela escravidão, linchamento e distanciamento dos direitos civis e humanos.

### Referências

DAVIS, Angela Y. *Are prisons obsolete?* New York: Open Media, 2013.

Recebido em 19 de julho de 2016.

Aceito em 12 de fevereiro de 2017.

Rodrigo Rossi

437